

- **OUTRAS LETRAS**

ORGANIZANDO A CORRESPONDÊNCIA INÉDITA DE ESCRITORES MODERNOS: ASPECTOS EDITORIAIS

Silvana Moreli Vicente Dias*

Resumo: Este artigo discute pressupostos metodológicos e críticos relacionados à edição de correspondência de escritores modernos. A partir da leitura crítica do diálogo epistolar entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, elaborou-se uma proposta de edição do conjunto, atentando-se para a importância de se seguir um rigor filológico. Pretende-se, desse modo, focar questões fundamentais concernentes à edição de textos modernos e, especificamente, à edição de cartas.

Palavras-chave: Correspondência. Gilberto Freyre (1900-1987). Manuel Bandeira (1886-1968).

■ **H**á um longo percurso que separa o documento guardado em arquivo até o momento em que é editado. Vários são os problemas que se colocam nesse trajeto, e ter consciência deles pode, ao menos minimamente, garantir algum sucesso na empreitada. Particularmente aqui será discutida uma proposta de edição da *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira*, a qual apresenta desafios comuns a outras edições de textos modernos inéditos que procuram seguir um rigor filológico. Algumas problemáticas podem ser antecipadas. Primeiramente, o editor¹ ou o organizador depara-se normalmente com a especificidade lacunar e fragmentária do texto epistolar, a qual interfere em âmbitos tais como a intercalação das peças, a fixação do texto e a anotação do conjunto. Outro ponto diz respeito a quando a coletânea é composta por material nunca publicado em livro, especialmente durante a vida do autor, limitando os testemunhos que o organizador poderia utilizar.

Para falar com Jeanne Bem (1999), há uma diferença fundamental entre a carta, como objeto particular, pontual, e sua transformação em coletânea desti-

* Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: silmoreli@usp.br

¹ Veja-se que correntemente se emprega a expressão “organizador” para o responsável pela complexa tarefa de edição de correspondência, compreendendo reunir e intercalar peças, fixar texto e anotar o conjunto, como percebemos por meio de edições recentes que serão mencionadas a seguir.

nada a um público. Virtualmente toda carta, como fragmento, teria um grau variável de literariedade e de literalidade, podendo tocar as fronteiras também móveis de formas literárias como o diário, a (auto)biografia, as memórias, o ensaio, a crônica e o romance. Ao serem reunidas em coletânea, ainda outras questões podem se tornar mais prementes. Retomando o conceito de “obra aberta” de Umberto Eco (1976), valeria ainda dizer que, a despeito de ser um fragmento, a carta contém um todo ilimitado em sua particularidade: “A obra, portanto, tem infinitos aspectos, que não são somente ‘partes’ ou fragmentos, pois cada um deles contém a obra inteira, e a revela numa determinada perspectiva” (PAREYSON apud ECO, 1976, p. 64). E, certamente, possíveis abordagens desse texto dinâmico que é a carta pedem, como na forma barroca – “em seu jogo de cheios e vazios, de luz e sombra, com suas curvas e quebras, os ângulos nas inclinações mais diversas” –, que se olhe especialmente para ela sem “uma visão privilegiada, frontal, definida, mas induzam o observador a deslocar-se continuamente para ver a obra sob aspectos sempre novos, como se ela estivesse em contínua mutação” (ECO, 1976, p. 44).

Dito isso, vale lembrar que explanações de natureza exegética não dispensam um acurado tratamento do texto. Descuidar dessa parte poderia levar a considerações equivocadas. Desse modo, é preciso também ponderar especificamente sobre a condição material dos documentos originais, bem como sobre outras questões e escolhas que o organizador de correspondência deve enfrentar antes de o trabalho encontrar sua forma definitiva. Para abordar alguns desses apontamentos relacionados ao texto epistolar, a base será a *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira*, composta, em sua quase totalidade, de textos inéditos.

O Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, que mantém o variado acervo do sociólogo, guarda sua correspondência passiva original e cópia de alguma correspondência ativa. Já boa parte da correspondência passiva de Manuel Bandeira encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. O conjunto da *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira* totaliza 65 peças, sendo 14 de autoria de Gilberto Freyre e 51 de Manuel Bandeira. O total da correspondência de Gilberto Freyre é composto por cartas, sendo 12 manuscritas e duas, cujos originais têm destino desconhecido, fazem parte da edição de cartas escritas por ele, com destinatários vários, preparada por Sylvio Rabello, intitulada *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil* (FREYRE, 1978). A correspondência de Manuel Bandeira, por sua vez, é mais diversificada: são 22 cartas manuscritas, 12 cartas datiloscritas, uma carta simultaneamente datiloscrita e manuscrita, sete cartões, seis telegramas e três bilhetes. No conjunto da correspondência de Manuel Bandeira endereçada a Gilberto Freyre, oito documentos, em sua maior parte bilhetes manuscritos, não estão datados.

Da *Correspondência de Manuel Bandeira a Gilberto Freyre* guardada pela Fundação Gilberto Freyre, tem-se notícia de publicação prévia de apenas três documentos – de um conjunto de 117 documentos escritos por Bandeira com remetentes diversos compilados para a seção “Epistolário” da sua *Poesia e prosa* (BANDEIRA, 1958, p. 1.379-1.464), três foram endereçados a Gilberto Freyre. Por sua vez, Gilberto Freyre também publicou, de forma esparsa, trechos de cartas de Manuel Bandeira. Diante desse conjunto heterogêneo, é conveniente lançar mão do confronto das variantes, apontando, de um lado, para a especificidade

da apresentação dos documentos originais (a serem abordados de modo mais fidedigno possível), e, de outro, procurando oferecer o cotejo com as cartas efetivamente publicadas em sua integralidade.

Sobre os procedimentos para uma edição desse diálogo epistolar, é apropriado adotar um critério cronológico, alocando os documentos de ambos os conjuntos a serem intercalados. Nesse sentido, apesar de esses terem sido previamente organizados por bibliotecários e arquivistas, no que toca sobretudo às cartas de Bandeira, notou-se a necessidade de se rever a ordem de classificação em alguns casos. A reordenação cronológica, por exemplo, deve ser realizada no caso do documento 2 (aqui recupero a classificação da Fundação Gilberto Freyre), com datação atribuída a 30 de outubro de 1926, mas que posteriormente verifiquei ser de 30 de outubro de 1936. No arquivo original do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, há 55 documentos de autoria atribuída a Bandeira. Entretanto, os seguintes itens foram desconsiderados do conjunto: o 35, que tem como destinatário Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, e não Gilberto Freyre; o 37, que não se encontra nem na pasta de originais, nem no conjunto de imagens digitalizadas pela Fundação Gilberto Freyre; o 45, que considerarei ser de autoria de um homônimo, tendo em vista a datação 23 de agosto de 1971 – portanto, após a morte do escritor Manuel Bandeira e mesmo depois da morte de outro quase homônimo, o pintor Manoel Bandeira, falecido em 1964; o 47, cujo trecho datilografado corresponde ao final do documento 18, carta com datação 23 de março de 1939; e o 53, bilhete de provável autoria de Fredy, Joannita e Guita Blank, amigas próximas de Bandeira. No caso dos documentos deslocados, o 35, o 45 e o 53 podem fazer parte dos Anexos, sendo editados com os mesmos critérios adotados para a *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira*. Quando o destinatário é Alfredo Alves da Silva Freyre, pai de Gilberto Freyre (documentos 50 e 54), avalio que o documento deve permanecer como parte constitutiva da *Correspondência*, mesmo porque Gilberto costumava oferecer o endereço de seu pai, principalmente em tempos de desconfiança quanto a perseguições políticas – que datam desde os anos 1920 e que avançam na Era Vargas (1930-1945) –, para o recebimento de sua correspondência.

Valer-se dos instrumentos da Filologia e da Crítica Textual é fundamental para determinar, com clareza, o lugar ideal dessa edição na escala que vai da conservação à uniformização. Tendo em mente que se trata de uma edição de documentos em sua maior parte autógrafos, a necessidade de uniformização se impõe especialmente nos casos, por exemplo, de emprego de maiúsculas e minúsculas; de numerais por extenso e em algarismos; de ortografia; de abreviações; de datação; de paragrafação; e do uso de negrito, sublinhado e cor diferente para destaque de palavras e trechos do texto. Dentre os casos de diferentes formas ortográficas e de abreviações com maior ocorrência, podem-se citar “m^{to}” e “muito”, “V.” e “você”, “Sto.” e “Santo”, “por ex.” e “por exemplo”. Seria mais adequado, pois, chamar referida edição de fidedigna e uniformizada, já que as variantes podem ser observadas no conjunto da coletânea. Contudo, todas as vezes em que há uniformização de variantes, bem como intervenções tendo em vista a adaptação à norma culta da língua e outros esclarecimentos relativos a elementos adicionais ao documento, como emendas dos autores, notas de edição devem ser inseridas para evidenciar a apresentação da ocorrência tal qual o documento original. Somente no caso de emprego de itálico para título de obras considero desnecessário recorrer às notas, visto que os autores sempre utilizavam a forma sublinhada. Sugiro também que as notas de edição

sejam apresentadas entre colchetes, para facilitar, ao leitor, a diferenciação entre notas de edição e notas exegeticas. Como última ressalva, não nos parece que essas escolhas, que visam uma uniformização, determinem uma modernização do texto nos termos como a Crítica Textual caracterizaria o processo de uma edição modernizada, a ponto de se poder chamá-la de paráfrase ou novo texto baseado/inspirado no primitivo (CAMBRAIA, 2005, p. 89), mesmo porque, conforme essa proposta, o texto original permanece com voz ativa – se assim podemos dizer – por meio da anotação.

Note-se que esse pode ser percebido como uma espécie de *work in progress* no sentido mais lato do termo, ainda mais porque houve mudanças estilísticas e adequação dos correspondentes às regras ortográficas ao longo de quase meio século de produção incessante, bem como houve diferença de materiais empregados, como uso alternado da caneta tinteiro, da caneta esferográfica e da fita da máquina de escrever, ou ainda o uso dos papéis mais simples e dos mais sofisticados, questões submetidas à escolha de cada remetente que também refletiram as mudanças de costume e a adequação do cotidiano às novas técnicas no decorrer do tempo.

É possível observar que o tipo de interferência por parte do organizador de correspondência não seria da mesma ordem em caso de uma obra orgânica, fechada e, portanto, com possibilidade de ser considerada finita e pontual no sentido da vontade do escritor, como um romance do século XIX ou mesmo um texto filosófico medieval. A relatividade da proposta filológica *stricto sensu* se evidencia quando se procura partir de sua intenção primeira como sendo a depuração do texto, ou seja,

[...] *livrar o texto das intromissões voluntárias e/ou involuntárias de terceiros e apresentá-lo ao leitor o mais aproximadamente possível à última redação materializada pelo autor ou à realizada sob as vistas e conforme a aprovação desse mesmo autor* (MARTINS, 2007, p. 2).

A impossibilidade de se delimitar essa redação materializada do autor dificulta tal tipo de abordagem no caso da edição de uma coletânea de cartas, problema esse que se avulta quando se considera a diferença dos tipos de recepção que uma carta e uma coletânea de cartas almejam, ou seja, do destinatário de uma carta íntima e do público leitor em geral.

Assim, diante da vontade do organizador em seguir um rigor filológico, a constatação da sua dificuldade dá-se especialmente diante da seguinte pergunta: “em uma edição de correspondência, onde está o autor?”². Paralelamente à escassez de testemunhos, ainda há o fato de que se trata de dois autores (e não d’o *autor*). E ainda há outro ponto a demonstrar a dispersão da autoria: quando o anotador se torna uma voz efetiva no interior da edição, como será abordado mais adiante.

Sem nos estendermos muito, destacam-se, desse modo, tanto a impossibilidade de se delimitar a efetiva vontade do autor (para além daquela que concerne ao efetivo diálogo com seu destinatário) quanto os empecilhos para se realizar um trabalho que apresente todos os testemunhos do texto, na trilha das edições crítico-genéticas. Sobretudo diante desses fatos, o organizador de correspondência, ainda que esteja num terreno mais movediço que o organizador de uma

2 Para reflexão sobre problemas metodológicos acerca de obras não finalizadas para publicação, além do trabalho acima citado, de Ceila Martins, cf. Duarte (1995).

obra “orgânica” ou efetivamente escrita para publicação, não deve perder de vista que é fundamental fixar princípios que orientem o trabalho de elaboração da sua edição, como ressalta Cambraia (2005, p. 19), citando Carvalho e Silva. Nesse sentido, a orientação crítica, mesmo diante da impossibilidade de se construir uma teia de testemunhos, pode oferecer uma base metodológica segura, por exemplo, ao permitir recuperar emendas, acréscimos, suspensões etc. Nesse sentido, as reflexões de Giuseppe Tavani (1997, p. 90) sobre a edição crítica de textos modernos apontam para alguns desses impasses:

A complexidade das operações que requerem a leitura, a interpretação, a transcrição, a classificação e a disposição em séries cronologicamente ordenadas dos “dossiês” dos escritores contemporâneos é tal que para lhe fazer frente não bastam a boa vontade, a paixão e a competência do filólogo: [...] a decifração dos cartapácios é, o mais das vezes, tão árdua que requer a intervenção do “manuscritólogo”, isto é, quem tenha adquirido a capacidade de analisar a urdidura aparentemente desordenada de uma série de escritas constantemente caracterizadas por intermitências, interrupções inesperadas, substituições, deslocamentos, alternativas deixadas em suspenso, alterações, correções.

Não basta, portanto, nesse caso, dominar a técnica de composição de edições; seria útil mobilizar conhecimentos outros, por exemplo, a perspectiva da crítica genética. A esses se deve acrescentar, evidentemente, a importância de se manter, como pano de fundo dessas escolhas textuais, o enfoque crítico, de considerável repertório hermenêutico e historiográfico, que inclui, além do conhecimento da estrutura do texto, um conhecimento o mais abrangente possível da realidade socioeconômica, cultural e ideológica (significativamente complexa nesse caso, já que a troca de cartas atravessou mais de cinco décadas de produção ininterrupta, dos anos 1920 aos anos 1960) dentro da qual o texto foi escrito. Nessa linha, teoria e práxis combinam-se, de modo que a melhor solução editorial para uma obra pode não ser tão adequada para outra.

Além dessa questão metodológica em sentido estrito, outra consideração que pode diferenciar as edições “orgânicas” das edições de cartas diz respeito à (im) possibilidade de fechamento absoluto do trabalho. Menos que uma abertura que remeteria à literariedade e à sua flutuação, o que temos aqui é um fato muito básico: a proliferação virtual a que toda coletânea está submetida. Mesmo que haja uma intenção de apresentação fidedigna por parte do organizador de correspondência, mesmo que os arquivos que guardam a documentação original tenham uma política adequada de preservação e conservação e franqueiem determinado conjunto epistolar sob sua guarda em sua integralidade, nada garante que o acaso não aja ao revés e reserve alguma surpresa futura, trazendo à tona textos do conjunto que podem estar nas mãos de particulares ou mesmo perdidos entre objetos pessoais dos próprios correspondentes. Esse parece ser o caso da correspondência passiva de Gilberto Freyre, uma vez que, em sua casa, transformada após sua morte na Casa-museu Magdalena e Gilberto Freyre, muitos dos seus itens ainda não foram inventariados. Além disso, funcionários e familiares de Freyre fazem a seguinte ressalva: o escritor costumava guardar cartas entre páginas de livros e, assim, tendo em vista que sua extensa biblioteca, de mais de 40 mil livros, ainda não foi catalogada, ou mesmo caixas de manuscritos ainda não foram abertas, outros documentos podem ser descobertos. De qualquer modo, o número de documentos assinados por Bandeira é apreciável

e podemos considerar o conjunto fechado, uma vez que sua catalogação, ao que tudo indica, foi iniciada pelo próprio Freyre, como atestam os acréscimos com sua letra ao longo da correspondência e as cópias realizadas à máquina de escrever, possivelmente por uma datilógrafa sob sua supervisão. Inclusive, não parece ter sido por acaso que a pasta de Manuel Bandeira, no meio de 520 outros correspondentes brasileiros e sem ser, de longe, a mais numerosa dos arquivos, recebeu, no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, o número 1. Isso pode ter acontecido devido ao fato de sua catalogação já estar adiantada pela própria vontade de Freyre, que, em vários escritos, dissertou, com orgulho, sobre as relações epistolares com o poeta-correspondente, acompanhadas por citações de trechos das cartas (FREYRE, 1987).

Avançando a proposta, a questão de como anotar a coletânea atualiza uma série de problemas cruciais para o organizador. Sem esmiuçar longamente um tema que mereceria, por si só, um artigo, podemos apontar os pressupostos metodológicos os quais adotei nessa tarefa que é uma das fluidas, uma das mais avessas a modelos, quando o assunto é o texto epistolar moderno. Colette Becker (1984), no texto “Les discours d’escort: l’annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)” [O discurso de escolta: a anotação e seus problemas (a propósito da correspondência de Zola)], após fazer ressalvas acertadas sobre a dificuldade de se elaborar uma teoria da anotação, diferencia fundamentalmente dois tipos de notas: as descritivas e as explicativas. Parto da lúcida reflexão de Becker para individualizar os tipos de nota que podem ser mobilizados na tarefa e proponho o emprego – utilizando sua nomenclatura – tanto das notas descritivas quanto das notas explicativas. Sem dúvida, posso antecipar que o maior desafio é avaliar o grau de interpretação que poderia ser impresso nessa tarefa que é, ao final, fundamentalmente crítica, sem prejudicar o equilíbrio do conjunto e nem comprometer a “orquestração de vozes” que deve ser conduzida pelo organizador de coletâneas de correspondência.

Nas notas eminentemente explicativas, ou também exegéticas, talvez o tom da forma ensaística seja o mais adequado – o que, ao final, permitiria dizer que as notas podem ter, dependendo da qualidade da anotação, um caráter ensaístico peculiar. Isso não significa dizer que as notas de edição tendem a ser preteridas – pelo contrário, essas formariam o fundamento para que a anotação integradora possa ser realizada, na trilha de Becker. Também remeter ao estado da pesquisa sobre determinado assunto seria bastante útil ao leitor e ao pesquisador, que teriam, especialmente na edição das cartas de escritores, referências bibliográficas atualizadas e confiáveis que poderiam estimular pesquisas futuras sobre questões levantadas pela anotação. Isso sem falar na iluminação de pontos e relações ainda obscuros para a história literária e cultural, para os quais muito provavelmente a edição de documentos paraliterários inéditos pode apontar.

Alguns casos editoriais de impacto recente podem ser mencionados como exemplos. Há os livros que compõem a Coleção Mário de Andrade, que têm ressonado positivamente a proposta de *belle note* (“nota ambiência”, em tradução de Marcos Antonio de Moraes) de Colette Becker, sem abrir mão de um aparato crítico formal³. Menciono, especificamente, a *Correspondência Mário de Andrade*

3 Segundo Marcos Antonio de Moraes (2009, p. 134), “esse tipo de anotação, ‘discurso de acompanhamento’, como se vê, busca recriar, à margem da ordenação cronológica das cartas, um espaço biográfico e histórico-literário. Assim, ao mesmo tempo que referências pontuais ou obscuras (nomes, lugares, menção a publicações de difícil acesso) são elucidadas, o leitor pode perceber a biografia do escritor sendo fragmentariamente construída”. O pesquisador ainda recupera, sobre o assunto, palavras de Becker

& *Manuel Bandeira* (2000), organizada, apresentada e anotada por Marcos Antonio de Moraes, e a *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral* (2001), organizada, introduzida e anotada por Aracy Amaral⁴. Um outro conjunto que pode ser mencionado pela magnitude da empreitada e pela riqueza do diálogo que vem à tona é *Carlos e Mário. Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade* (2002), organizada por Lélia Coelho Frota, com texto das cartas de Drummond estabelecido por Alexandre Faria e com prefácio e notas de Silviano Santiago⁵. Esse pode ser apontado, inclusive, como um exemplo editorial moderno em que há evidente dispersão de autoria, efeito o qual se sobressai também porque a intrincada tarefa de edição se dilui entre vários responsáveis – o que pode, por um lado, estimular leituras múltiplas, mas, por outro, pode desencadear uma espécie de efeito diluidor do aspecto organizacional, também pela complexa noção de autoria compartilhada que emerge do trabalho da equipe. Mais ainda, impossibilitou-se perfazer o caminho nos moldes de uma edição pautada pela leitura crítica de autógrafos, visto que não há propriamente um aparato crítico formal. Vê-se, portanto, que as opções editoriais podem ser variadas, conduzindo a diferentes resultados, cada qual com seus méritos específicos⁶.

Ainda sobre o aparato crítico, se o organizador estiver atento para a ideia de que a carta pode ser vista como um “laboratório de múltiplos textos”, como defende Guimarães (2004), o texto da correspondência pode dialogar com artigos, crônicas, diário, (auto)biografia, memórias etc. Personagens e correspondência se entrecruzam e, alargando as possibilidades da anotação exegetica, o organizador pode se mostrar um leitor ativo do conjunto, estabelecendo relações entre os missivistas, os personagens, as obras e os grupos sociais, que podem ser lidos como uma rede dinâmica que vai do detalhe ao todo provisório e, deste, voltaria ao particular. Fazer o texto da correspondência dialogar com outros textos publicados pelos próprios autores e seus contemporâneos permitiria, por exemplo, reconstruir o horizonte da recepção dos autores (ARELLANO, 1991, p. 579). Nesse sentido, as palavras do filólogo Ignacio Arellano podem ser poten-

que podem ser úteis para futuros organizadores, advertindo sobre “o tênue fio entre o uso e o abuso deste tipo de anotação: ‘O perigo é obscurecer (*écraiser*) o texto epistolar com informações e interpretações, deixar-se levar pelas descobertas que resultam de longas horas de pesquisa [e acabar fazendo] uma edição de notas... e não mais de cartas”.

- 4 A Coleção Correspondência de Mário de Andrade tem sido publicada pela coordenação entre Edusp e IEB. Outro livro que merece ser mencionado, por seguir linha metodológica de preparo de edição fidedigna com aparato crítico (embora não faça parte da coleção Edusp-IEB), é a edição de cartas de Mário de Andrade e Câmara Cascudo, organizada por Marcos Antonio de Moraes, que recebeu o Prêmio Jabuti de Teoria Literária no ano de 2011 (cf. CASCUDO, 2010).
- 5 Sobre esse conjunto de correspondência entre Mário e Drummond, Heloisa Buarque de Holanda (2003) capta a dimensão fluida da terceira voz, aqui, a do introdutor e do anotador da edição (veja que, nesse caso, há uma dispersão do trabalho de edição, pois anotador e introdutor são diferentes do organizador e do responsável pelo estabelecimento do texto), que torna ainda mais móvel a noção de autoria: “Demorei um pouco para entrar no verdadeiro diferencial dessa edição da correspondência entre os dois poetas. E este é o surpreendente *entrelugar* onde se coloca o terceiro poeta que compõe esta polifonia. Falo das notas e comentários de Silviano Santiago. Aparentemente, Silviano, professor de erudição amplamente reconhecida, comporta-se, mais uma vez, com critério e seriedade e elabora um estudo introdutório definitivo acompanhado de extensas notas de rodapé, construindo um meticuloso e necessário contexto para a melhor compreensão da correspondência entre Carlos & Mário. Entretanto, uma observação mais atenta percebe certo ‘excedente’ tanto neste texto introdutório quanto nestas notas críticas. Percebe também uma certa irregularidade metodológica, ou melhor, uma certa transgressão das normas técnicas editoriais, na composição das notas. Ora as notas informam, ora comentam, ora dialogam, ora falam em solo. Percebe ainda um certo abuso na utilização diversificada dos ‘materiais’ dessas notas: citações, poemas, textos não diretamente informativos, secas referências bibliográficas, *hiperlinks* arbitrários. Às vezes Silviano parece um comentarista bem informado, às vezes um *metteur-en-scène*, outras um iluminador teatral. Percebe-se ainda que, aos poucos, o crítico-poeta se estabelece reflexivamente entre as vozes de *Carlos & Mário* e constrói sua própria voz, na brecha da ambiguidade ‘técnica’ que imprime à composição dessas notas”.
- 6 Um outro exemplo recente que poderia ser considerado é a correspondência trocada entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, organizada e anotada por Pedro Meira Monteiro, que assina longo estudo crítico. Na edição, opta-se por não publicar o aparato crítico em notas de rodapé, embora se apresente nota descritiva após transcrição de cada carta (cf. MÁRIO DE ANDRADE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, 2012).

cializadas quando se examina uma edição epistolar de escritores modernos. Após afirmar a impossibilidade de elaborar uma “teoria” no que diz respeito ao trabalho com textos do Século de Ouro espanhol, ele aponta para uma “poética” da anotação:

[...] a anotação filológica [empregada em sentido amplo, abrangendo as notas exegéticas] é, para mim, mais que uma “ciência” objetiva e asséptica, uma “arte” que carrega em si, incorporada, uma atitude do anotador frente a sua tarefa. Por isso não creio que se possam determinar regras exatas de como e quando anotar. Há anotações que podem parecer impertinentes desde o entendimento estrito do texto, ilustrações com lugares paralelos que podem parecer desnecessárias, porém talvez alcancem outra dimensão se são lidas com certa perspectiva de complemento erudito não isenta de certos ingredientes lúdicos ou de “enriquecimento literário” (ARELLANO, 1991, p. 579-580)⁷.

Vê-se, desse modo, que, se mesmo diante dos problemas de edição e anotação de um texto antigo a tarefa é aberta a múltiplas possibilidades e escolhas, o texto epistolar moderno traz inúmeras questões que o afastam de uma proposição unívoca. Becker (1984) ressalta que o papel do organizador de cartas é móvel e, também por isso, acrescento, estimulante. Tomando emprestadas as reflexões de Roland Barthes (1982, p. 229) sobre a crítica na modernidade presentes em *Crítica e verdade*, o organizador de correspondência pode assumir as funções de “*scriptor, compiler, commentator e auctor*”. O que seria desejável é deixar razoavelmente claro ao leitor, na medida do possível, como se dá a sobreposição de vozes e níveis – que vai da transcrição do texto, tal qual o *scriptor*, à elaboração das próprias ideias do organizador, tal qual o faz o *auctor*. Nesse sentido, essa proposta indica a necessidade de se controlarem interferências de natureza exegética no processo de anotação – apesar de sua insinuação ser, de certo modo, inevitável –, expandindo-as principalmente no desenvolvimento do estudo crítico que pode acompanhar as cartas.

Assim, uma edição pautada por pressupostos críticos, como pretendo lograr ao organizar a *Correspondência de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira*, pode tornar-se tanto um autêntico testemunho do diálogo entre os autores, num sentido amplo, quanto um documento – com a sombra da precariedade e da contingência, pelos diversos motivos antes arrolados – de pesquisa crítico-filológica, um pequeno mapa de outras possíveis explorações hermenêuticas. De qualquer modo, uma edição de correspondência bem realizada dentro de sua proposta, que consiga utilizar, de modo consequente, os instrumentos oferecidos pelas diversas perspectivas metodológicas críticas, parece ter sua importância justificada. E deve sempre ressaltar-se: a última palavra, em forma espectral, jamais se estabiliza, sobretudo diante da condição do silenciamento da voz dos escritores. Diante dessa condição patente, deve procurar-se respeitar as complexas e sempre ressoantes vozes autorais, que permanecem atuantes, de modo inequívoco, pelos testemunhos documentais sobreviventes.

7 No original: “[...] la anotación filológica es, para mí, más que una ‘ciencia’ objetiva y aséptica, un ‘arte’ que lleva en sí incorporada la actitud del anotador frente a su tarea. Por eso no creo que se puedan determinar reglas exactas de cómo y cuánto anotar. Hay anotaciones que pueden parecer impertinentes desde el estricto entendimiento del texto, ilustraciones con lugares paralelos que pueden parecer ociosas, pero quizá alcancen otra dimensión si se leen con una cierta perspectiva de complemento erudito no exento de ciertos ingredientes lúdicos o de ‘enriquecimiento literario’”.

ORGANIZING THE UNPUBLISHED LETTERS FROM MODERN AUTHORS: SOME EDITORIAL ASPECTS

Abstract: This article discusses some methodological and analytical principles related to the edition of letters of modern writers. Taking as a basis the epistolary dialogue between Gilberto Freyre and Manuel Bandeira, I propose an edition of this material, considering its characteristics and the importance of a careful work. Thus, the aim of this work is to focus on fundamental questions that concern firstly to the edition of modern texts, and, specifically, to the edition of letters.

Keywords: Correspondence. Gilberto Freyre (1900-1987). Manuel Bandeira (1886-1968).

REFERÊNCIAS

- ARELLANO, I. Edición crítica y anotación filológica. In: FERNÁNDEZ, J. C.; AYUSO, I. A. *Crítica textual y anotación filológica en obras del Siglo de Oro*: actas del Seminario Internacional para la Edición y Anotación de Textos del Siglo de Oro. Madrid: Editorial Castalia, 1991. p. 563-586.
- BANDEIRA, M. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. v. 2, p. 1379-1464.
- BARTHES, R. *Crítica e verdade*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BECKER, C. Les discours d'escort: l'annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola). In: FRANÇON, A.; GOYARD, C. (Org.). *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984. (Colloque sur les correspondances inédites, Paris, 9-10 juin 1983).
- BEM, J. Le statut littéraire de la lettre. *Genesis: Revue Internationale de Critique Génétique*, Paris, n. 13, p. 113-115, 1999.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARLOS E MÁRIO: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- CASCUDO, L. da C. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Pesquisa documental/iconográfica, estabelecimento de texto e notas (organizador) Marcos Antonio Moraes; ensaio de abertura Anna Maria Cascudo Barreto; prefácio Diógenes da Cunha Lima; introdução Ives Gandra da Silva Martins. São Paulo: Global, 2010.
- CORRESPONDÊNCIA MÁRIO DE ANDRADE & MANUEL BANDEIRA. Organização, prefácio e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000.
- CORRESPONDÊNCIA MÁRIO DE ANDRADE & TARSILA DO AMARAL. Organização, prefácio e notas de Aracy Amaral. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001.
- DUARTE, L. F. Prática de edição: onde está o autor? In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4., 1995, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Annablume/Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995. p. 335-358.

- ECO, U. *Obra aberta*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 64.
- FREYRE, G. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1978.
- FREYRE, G. Amy Lowell: uma revolucionária de Boston. In: FREYRE, G. *Vida, forma e cor*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 27-38.
- GUIMARÃES, J. C. *Contrapontos*: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- HOLLANDA, H. B. de. O modernismo em tempo real. *Cult*, São Paulo, ano 6, n. 68, p. 22-27, abr. 2003.
- MÁRIO DE ANDRADE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: Correspondência. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto de Estudos Brasileiros; Edusp, 2012.
- MARTINS, C. Para uma definição de crítica textual: o caso da edição crítico-genética de *O Egípto e outros relatos* de Eça de Queirós: edição de texto. In: CONGRESSO VIRTUAL DO DEPARTAMENTO DE LITERATURAS ROMÂNICAS, 2., 2007, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Universidade de Lisboa, primavera de 2007. CD-ROM.
- MORAES, M. A. de. Edição da *Correspondência reunida* de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*, v. 4, n. 2, p. 123-136, jun. 2009.
- TAVANI, G. Filologia e genética. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 20, p. 90, set. 1997.

Recebido em fevereiro de 2013.

Aprovado em agosto de 2013.